

Um ônibus sequestrado no Rio de Janeiro. Polícia despreparada. Sequestrador morto. Parece familiar?

Na manhã do dia 20 de agosto de 2019, relembramo-nos do “caso do ônibus 174”: no dia 12 de junho de 2000, Sandro Barbosa do Nascimento, um jovem, que aos 8 anos de idade presenciou a morte de sua mãe na favela onde moravam, sobrevivente do abominável episódio da Chacina da Candelária, morador de rua e usuário de drogas, fez reféns em um ônibus na cidade do Rio de Janeiro. Este caso ficou conhecido pelo evidente despreparo da polícia para lidar com as negociações, tendo o sequestro durado mais de 5 horas e culminado na morte da última refém a ser liberada por Sandro, provocada pela própria polícia, que mirava no sequestrador, mesmo após seu rendimento. Logo depois do errôneo disparo, milicianos apanharam o jovem, levaram-no para o porta-malas de um camburão e, em um golpe de chave de braço, o mataram asfixiado. Tudo televisionado e amplamente divulgado na mídia.

No caso de hoje, a história se repete. Às 05h25min, o sequestro é anunciado em um ônibus da companhia Galo Branco enquanto trafegava na Ponte Rio-Niterói, fazendo 37 reféns e causando um congestionamento de mais de 81 km, devido ao fechamento da via. O sequestrador teria dito ser um policial militar (mais tarde apurou-se que se tratava de um vigilante) e estaria armado com um revólver e combustível. Ao longo das quase quatro horas de sequestro, seis reféns foram liberados e a única exigência do sequestrador foi uma ambulância. Ao final, o desfecho que já se esperava: tiros efetuados por um atirador de elite, o qual confirmou o acerto no alvo, corpo negro, com um sinal positivo – atitude que foi comemorada pelas pessoas ao redor. Baleado por seis tiros, após minutos chega a notícia de que foi morto. O porta-voz da Polícia Militar noticiou o ocorrido afirmando que “foi necessário o disparo do sniper para *neutralizar* o *marginal* e salvar as pessoas do ônibus”¹, no que nos chama a atenção sua escolha de palavras. Sua arma era de brinquedo e sua motivação era (e ainda é) desconhecida.

19 anos depois do ônibus 174, o Estado demonstra estar preparado para lidar com esses casos?

O que esses casos têm em comum? Principalmente a vulnerabilidade do criminoso, o despreparo da polícia para realizar negociações em situações de risco (lembremos também do Caso Eloá²) e o mesmo desfecho: a morte de jovens negros pelas mãos do Estado (que não é novidade no Rio³). Nota-se pelas mortes de 06 jovens negros em 05 dias no Rio de Janeiro que o governo não se preocupa em salvar todas as vidas, mas apenas as vidas vivíveis, conceito da filósofa Judith Butler. Mas, afinal, o que faz uma vida ter valor para ser reconhecida como vivível ou matável? Nesse sentido, vale esboçar que, para Judith Butler, as vidas precárias são aquelas que escampam da inteligibilidade do que é reconhecido como vida, são aquelas sujeitas à violência arbitrária, submetidas a uma espécie de limbo jurídico-político, as quais não são alvo de luto, direitos ou garantias; enfim, vidas que morrem e não são choradas.

¹<https://extra.globo.com/.../atirador-do-bope-mata-sequestrado...>

² <http://memoriaglobo.globo.com/.../co.../caso-eloa/a-historia.htm>

³ <https://g1.globo.com/.../rj-teve-pelo-menos-6-jovens-mortos-a...>, caso repudiado pela OAB-RJ em nota <https://oglobo.globo.com/.../oab-rj-critica-politica-de-segur...>

Assim, haveria diferentes níveis de produção de valores sobre as vidas, fazendo com que algumas sejam vivíveis e outras sejam matáveis⁴.

A aniquilação da vida do sequestrador foi comemorada pela sociedade aos aplausos e pelo governador do Estado do Rio de Janeiro, Wilson Witzel, do PSC (Partido Social Cristão – que ironia), a sorrisos largos. O silêncio da ausência de lamento ecoa, reverbera e me assusta. Quantas exceções devem ocorrer até que a exceção se torne regra (se já não é)? Como bem colocou o jornalista Chico Alves: “Hoje, autoridades e habitantes desse território ensolarado não festejam a vida, mas a morte. Indício maior de adoecimento coletivo não pode haver...”⁵.

Este texto não tem por intuito oferecer respostas ou criticar toda a atuação da Polícia Militar, ainda que lamentável, mas sim provocar a reflexão (e compartilhar a revolta).

Por fim, deixo o questionamento que, embora clichê, poderoso: quanto de humano⁶ resta (se é que um dia existiu) na humanidade?

⁴ http://www.en.wwc2017.eventos.dype.com.br/.../1499478906_ARQU...

⁵ <https://noticias.uol.com.br/.../rio-festeja-a-morte-como-se-t...>

⁶ <https://www.dicio.com.br/humano/>. Humano como adjetivo: Relacionado com o homem, indivíduo dotado de inteligência e linguagem articulada, pertencente à espécie humana; próprio, característico de homem; desenvolvido por homens. Bondoso; que é piedoso, indulgente, compreensivo.